

LICÃO 11 – O PRESBÍTERO, BISPO OU ANCIÃO

Subsídio elaborado por Inacio de Carvalho Neto.
E-mail do autor: ibcneto@inaciocarvalho.com.br.

Comentários iniciais:

Funções eclesiásticas:

- Em primeiro lugar, devemos observar que vamos estudar, nesta lição e na próxima, as chamadas “funções eclesiásticas”. Embora a revista da Escola Dominical deste trimestre, em seu título, fale apenas em dons espirituais e dons ministeriais, ela trata também das funções eclesiásticas, tanto as que correspondem também a dons ministeriais (pastores e evangelistas), como as que não correspondem (presbítero e diácono).
- Salomão disse que a casa da sabedoria tem sete colunas (Pv. 9.1). Da mesma forma, a igreja também possui sete colunas, que são os cinco dons ministeriais (apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres) e as duas funções eclesiásticas (presbíteros e diáconos).
- Funções eclesiásticas são atividades exercidas na igreja por pessoas chamadas por Cristo, a fim de que se cumpram as tarefas que o Senhor determinou para os salvos.
- Paulo menciona essas funções na saudação inicial aos filipenses (Fp. 1.1: “Paulo e Timóteo, servos de Jesus Cristo, a todos os santos em Cristo Jesus que estão em Filipos, com os bispos e diáconos”).
- Desde 1937, na Assembleia de Deus, são quatro as funções eclesiásticas: pastor, evangelista, presbítero e diácono, sendo que as duas primeiras são também dons ministeriais. Há quem inclua também o cooperador entre as funções eclesiásticas; outros dizem que o cooperador não entra nessa qualificação.

Conceito de presbítero, bispo ou ancião:

- O termo “presbítero”, do original grego *presbyteroys*, significa “ancião”, “pessoa mais velha”. As traduções da Bíblia para a língua portuguesa empregam tanto a palavra “presbítero” como a palavra “ancião” para traduzir o mesmo termo grego *presbyteroys*.
- No inglês ocorre o mesmo fenômeno: a King James Version, principal tradução da Bíblia para o inglês, usa indistintamente os termos *elders* e *presbytery*. Já a Bíblia em alemão, traduzida por Lutero, usa sempre a palavra *Älteste*. A Bíblia em italiano traduz *presbyteroys* sempre como *responsabile* (responsável).
- Portanto, presbítero e ancião, na Bíblia, são exatamente a mesma coisa, já que usada a mesma palavra no original, havendo apenas diferença de tradução.
- Especificamente no Novo Testamento, essa palavra foi usada como um título de dignidade usado pelos judeus e cristãos para se referir às pessoas mais maduras que formavam o governo da igreja.

- Note-se que a Septuaginta (tradução do Velho Testamento hebraico para o grego feita aproximadamente no ano 300 a.C.) traduz a palavra *zaqen* por *presbyteroys*, sendo que a palavra *zaqen* é usada em vários trechos do Velho Testamento, como Ex. 3.16,18, 4.29, 12.21, 17.5, sempre referindo-se aos anciãos de Israel, assim como é usada em outros trechos para se referir aos anciãos de outros povos (Nm. 22.7), sendo usada também no sentido de “velho” (Gn. 35.29, 44.20, Ex. 10.9, Dt. 28.50, Js. 6.21) ou de “principais” (Gn. 50.7).

- Ou seja, o governo dos israelitas sempre esteve na mão dos mais velhos, dos anciãos, e é justamente isso que significa a palavra “presbítero”. E não apenas dos israelitas ou dos povos antigos; também em Roma e na atualidade o Senado enfeixa boa parte do poder governamental, sendo que “senador” (do latim *senex*, daí derivando em nossa língua as palavras senil e senilidade) significa simplesmente “mais velho”.

- Não é à toa que a nossa Constituição Federal exige a idade mínima de 35 anos para que alguém se candidate a Senador ou a Presidente ou Vice-Presidente da República, e apenas 21 anos para o candidato a Deputado Federal ou Estadual (art. 14, § 3º, inc. VI).

- A palavra “presbítero” é sinônima de bispo ou supervisor (do original grego *episkopon* ou *episkopoyis*). Embora aqui a palavra original seja diferente, o significado é o mesmo. Comparando Tt. 1.6-9, em que Paulo enuncia as qualificações necessárias do presbítero, com 1Tm. 3.1-7, em que praticamente as mesmas qualificações são enunciadas para o bispo, fica evidente a sinonímia destes dois termos.

- Mais evidente ainda é a sinonímia se lemos o texto de Tt. 1.5-7: “5 Por esta causa te deixei em Creta, para que pusesse em boa ordem as coisas que ainda restam e, de cidade em cidade, estabelecesses **presbíteros** (no original: *presbyteroys*), como já te mandei: 6 aquele que for irrepreensível, marido de uma mulher, que tenha filhos fiéis, que não possam ser acusados de dissolução nem são desobedientes. 7 Porque convém que o **bispo** (no original: *episkopon*) seja irrepreensível como despenseiro da casa de Deus, não soberbo, nem iracundo, nem dado ao vinho, nem espancador, nem cobiçoso de torpe ganância”.

- Também fica clara a sinonímia quando analisamos o texto de At. 20.17 e 28. No v. 17, Paulo mandou chamar de Mileto os presbíteros (*presbyteroys* no original) da igreja; no v. 28, Paulo menciona a esses mesmos presbíteros que o Espírito Santo os constituiu bispos (*episkopoyis* no original).

- Esta semelhança mostra como é errada a chamada “forma episcopal de governo” da igreja, em que os bispos são superiores hierárquicos em relação aos presbíteros, como ocorre na igreja católica romana e na igreja ortodoxa. Em algumas igrejas ditas neopentecostais, já se está avançando nisso, consagrando os até então “bispos” a “apóstolos”, ou até a “vice-reis”.

- Com a Reforma Protestante, essa forma episcopal passou a ser contestada, surgindo duas outras formas de governo na igreja: a forma presbiteriana e a forma congregacional.

- Na forma presbiteriana, o governo da igreja passou aos presbíteros, aos anciãos, eleitos pela congregação. Eles tinham o poder inclusive de escolher o pastor. Foi a forma adotada pela Igreja Presbiteriana, que tem o seu nome justamente devido à sua forma de governo.

- Na forma congregacional, o governo da igreja passou à congregação, aos próprios membros, que escolhem o pastor. Os presbíteros são auxiliares do pastor. Foi a forma adotada pelos anabatistas e pela igreja batista.

- Algumas igrejas protestantes, todavia, mantiveram a forma episcopal de governo, como é o caso da igreja anglicana e da igreja metodista.

- Algumas igrejas dizem que não possuem pastores, mas apenas anciãos, alegando que Jesus seria o único pastor. Esse entendimento não tem respaldo bíblico, pois a Bíblia diz que Jesus é o “Sumo Pastor”, o que mostra que há outros pastores, Seus auxiliares. Além disso, Ef. 4.11 é claro ao mostrar que há ministério de pastores na igreja. E mais: nessas igrejas, os anciãos nada mais são do que pastores, já que encarregados de cuidar do rebanho.

- Na Assembleia de Deus, em 1936, o missionário sueco Nils Kastberg publicou um artigo no Mensageiro da Paz dando as bases argumentativas para a hierarquia eclesiástica que prevalece até hoje, com a distinção entre Ministros (pastores e evangelistas) e presbíteros. Essa ideia foi adotada numa Convenção realizada em São Paulo em 1937 e assim permanece até hoje.

A escolha dos presbíteros:

- Paulo instruiu Tito a estabelecer presbíteros de cidade em cidade, deixando clara a função pastoral do presbitério.

- A razão pela qual foi instituído o presbitério na igreja foi, em primeiro lugar, porque a igreja precisava de governo, pois Deus é Deus de ordem, não de confusão (1Co. 14.33).

- A Bíblia expressa as qualificações exigidas para o exercício dessa função (vide abaixo). Isso evidencia a importância da função. A igreja não pode descuidar-se quando da ordenação de pessoas para servi-la.

A importância do presbitério:

- Presbitério, do original grego *presbyterion*, é o coletivo de presbítero. É de se notar que a Bíblia sempre cita os presbíteros no plural, o que dá a entender que eles sempre agiam na igreja em conjunto; não havia igreja que tivesse apenas um presbítero; aparentemente, cada igreja tinha um conselho de presbíteros.

- A única referência bíblica à palavra “presbitério” está em 1Tm. 4.14, em que Paulo lembra a Timóteo de que o seu dom lhe foi dado por profecia, com a imposição das mãos do presbitério. É uma referência à importância do corpo de presbíteros da igreja.

- Há, entretanto, várias referências aos “anciãos” da igreja, que equivalem ao presbitério, tanto em Atos (At. 11.30; 14.23; 15.2,4,6,23; 16.4; 20.17; 21.18) como nas cartas Paulinas (1Tm. 5.1) e de Pedro (1Pe. 5.5). Em At. 22.5 fala-se em “conselho dos anciãos”, que nada mais do que o presbitério.

- Paulo deixa claro que os presbíteros exerciam o governo da igreja juntamente com o pastor, e ainda advertem que os que governam bem devem ser estimados por dignos de duplicada honra, principalmente os que trabalham na palavra e na doutrina (1Tm. 5.17).

Qualificações para o presbítero:

- Tt. 1.6-9 contém 16 qualificações exigidas dos presbíteros:
 - 1) irrepreensível (v. 6-7): pessoa de caráter ilibado, íntegro, exemplar; um “obreiro que não tem de que se envergonhar” (2Tm. 2.15);
 - 2) marido de uma mulher (v. 6):
 - o sentido original da expressão refere-se à bigamia, comum na época; o presbítero não poderia ter mais de uma esposa simultaneamente;
 - mas também há outros sentidos possíveis: 1) deve ser “pai de família”; 2) deve ser homem fiel à sua esposa; 3) não pode ser divorciado ou recasado (polêmico);
 - de qualquer forma, está evidente aqui a exigência de que o presbítero dê atenção à sua família, não podendo negligenciá-la nem mesmo em favor da obra de Deus;
 - está implícita aqui a ideia de que a função de presbítero é exclusiva para homens, pois só o homem pode ser “marido de uma mulher”; não há base bíblica para a separação de mulheres para o ministério, como muitas igrejas têm feito, inclusive usando erroneamente a palavra “bispa”, que é um tipo de manga (fruta); o feminino de bispo é episcopisa, não “bispa”; e não se trata de diminuir ou menosprezar a mulher; apenas que Deus instituiu cada coisa no seu lugar; não devemos perverter a ordem das coisas instituídas por Deus;
 - 3) que tenha filhos fiéis (v. 6):
 - há quem entenda (inclusive o comentarista da lição) que essa exigência só se aplica para filhos menores, pois os pais não são responsáveis pelo desvio dos filhos maiores;
 - mas também se pode afirmar que o pai cujo filho se desviou na maioridade possivelmente não o criou bem na Palavra (Pv. 22.6: “Instrui o menino no caminho em que deve andar, e, até quando envelhecer, não se desviará dele”), mas isso não é uma regra absoluta;
 - quem não sabe governar bem a sua própria casa, não pode ter cuidado da igreja de Deus (1Tm. 3.5);
 - 4) não soberbo (v. 7):
 - soberbo é sinônimo de arrogante, orgulhoso, presunçoso;
 - também significa “teimoso”, “cabeça-dura”;
 - Jesus deu a maior lição de humildade, ao lavar os pés dos discípulos, o que deve ser seguido por todos os crentes, especialmente pelos obreiros (1Pe. 5.5: “Semelhantemente vós, jovens, sede sujeitos aos anciãos; e sede todos sujeitos uns aos outros e revesti-vos de humildade, porque Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes”);
 - devemos lembrar que cargo ministerial não é sinônimo de grandeza espiritual; ao contrário, no meio cristão, o maior deve servir ao menor;
 - 5) não iracundo (v. 7): iracundo, do original grego *orgilos*, refere-se àquele que tem tendência a irar-se, cabeça-dura, apaixonado; a estes Jesus diz que aprendam dEle, que é manso e humilde de coração (Mt. 11.29);
 - 6) não dado ao vinho (v. 7):
 - vinho aqui está em sentido amplo, para se referir a qualquer bebida alcoólica; em lugar de embriagar-se, o crente deve encher-se do Espírito (Ef. 5.18: “E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito”);
 - há até quem aplique este texto em sentido mais amplo, para abranger qualquer vício, não necessariamente o vício ligado ao álcool;
 - 7) não espancador (v. 7): significa não violento, não agressivo; mas entra aqui também a agressão verbal, a grosseria, o assédio moral;

- 8) não cobiçoso de torpe ganância (v. 7): esse é o grande mal das igrejas na atualidade: obreiros gananciosos; Pedro também recomendou aos presbíteros que apascentassem o rebanho do Senhor sem torpe ganância (1Pe. 5.2);
 - 9) dado à hospitalidade (v. 8):
 - esta qualidade era mais importante nos tempos da igreja primitiva, que não tinha hotéis nem qualquer mínima infraestrutura para a acolhida de irmãos; mas não deixou de ser importante atualmente;
 - trata-se de um mandamento difícil de ser cumprido nos dias atuais; mas o cristão deve procurar observá-lo, pedindo sempre orientação do Espírito Santo para evitar cair em laços;
 - ser hospitaleiro não é apenas receber alguém para pousar ou comer em sua casa; é, genericamente, estar disposto a acolher as pessoas, inclusive na própria igreja (ex: um novo membro precisa ser acolhido na igreja, precisa sentir-se entre irmãos, tanto faz se for um novo convertido ou se for alguém que veio transferido de outro lugar);
 - 10) amigo do bem (v. 8): o presbítero deve sempre se dedicar a fazer o bem, deve ter o fruto do Espírito da benignidade (Gl. 5.22);
 - 11) moderado (v. 8): sinônimo de comedido, prudente, contido, sem exibicionismo, sem exagero, sem ser radical; o presbítero não deve ser precipitado no falar, no agir, deve ter autocontrole nas suas atitudes; deve ter temperança (Gl. 5.22);
 - 12) justo (v. 8): imparcial, isento, neutro; assim como o Bom Pastor nos guia “pelas veredas da justiça por amor do Seu nome” (Sl. 23.3), o presbítero deve ter o mesmo cuidado de ser justo e não praticar qualquer ato de injustiça;
 - 13) santo (v. 8): todo cristão precisa ser santo para ser salvo; ser santo é ser separado do mundo e consagrado a Deus; mas santidade tem graus; um cristão pode ser mais santo ou menos santo, já que a santidade é um processo que começa quando nos entregamos a Cristo e termina quando morremos; a exigência para o presbítero aqui, naturalmente, é que ele seja muito santo; ou seja, deve estar avançado no processo de santificação, não iniciante;
 - 14) temperante (v. 8): temperança é domínio próprio, autocontrole, domínio sobre seus impulsos e paixões;
 - 15) retendo firme a fiel palavra (v. 9): o presbítero deve guardar fielmente a Palavra de Deus;
 - 16) poderoso para admoestar com a sã doutrina e de convencer os contradizentes (v. 9): o líder tem que ter autoridade para advertir com a Palavra e convencer os que não são cristãos.
- Escrevendo a Timóteo, Paulo também arrola as qualificações exigidas do presbítero, sendo quase idênticas à lista enunciada a Tito (1Tm. 3.2-7):
- 1) irrepreensível: já comentada acima;
 - 2) marido de uma mulher: idem;
 - 3) vigilante: Cristo já tinha recomendado a todo crente que vigiasse (Mc. 13.37); muito mais o obreiro deve ser vigilante;
 - 4) sóbrio: literalmente, ser sóbrio é não estar embriagado; mas aqui a palavra é empregada em sentido figurado, para se referir à embriaguez do poder; o presbítero não pode se deixar levar pela sensação do poder, não pode ceder à tentação de ter domínio sobre o povo de Deus; tem que seguir o exemplo de João Batista, o maior de todos os profetas: “É necessário que ele cresça e que eu diminua” (Jo. 3.30);
 - 5) honesto: a palavra grega *kósmios* aqui usada não tem apenas o sentido financeiro, mas também é usada com o sentido de “comprometido” com a obra de Deus e de “respeitável”;
 - 6) hospitaleiro: já comentada acima;

- 7) apto a ensinar: este é uma condição evidente para que alguém possa ser presbítero, já que umas das principais funções do presbítero é justamente a de ensinar; e para ensinar, em primeiro lugar o presbítero deve estar disposto a aprender;
- 8) não dado ao vinho: já comentada acima;
- 9) não espancador: já comentada acima;
- 10) não cobiçoso de torpe ganância: já comentada acima;
- 11) moderado: moderação envolve ponderação, ausência de pressa na tomada de decisão, discernimento espiritual aguçado;
- 12) não contencioso: o presbítero deve ser uma pessoa pacificadora, conciliadora, inimiga de contendas, que abomine intrigas, discussões, polêmicas, debates, lutas, porfias e pelejas;
- 13) não avarento: ou seja, que não tenha amor ao dinheiro, que é a raiz de toda a espécie de males (1Tm. 6.10);
- 14) que governe bem a sua própria casa, tendo seus filhos em sujeição, com toda a modéstia: já comentada acima;
- 15) não neófito: não novo na fé; o neófito pode se ensoberbecer e cair na condenação do diabo (1Tm. 3.6); a palavra presbítero significa justamente “mais velho”, “ancião”, isso não se refere apenas à idade física, mas também à espiritual;
- 16) que tenha bom testemunho dos que estão de fora: até os não cristãos devem dar bom testemunho dele.

Os deveres do presbitério:

- A principal função do presbítero é apascentar (alimentar) o rebanho (1Pe. 5.2) com a exposição da Palavra de Deus. Os presbíteros formam o conselho da igreja, cujo objetivo maior é atuar na formação espiritual, social, moral e familiar do povo de Deus. Quem vai ensinar na igreja, precisa ser apto a ensinar (1Tm. 3.2).

- Além de apascentar, também precisa o presbítero cuidar do rebanho (1Pe. 5.2,3). O presbítero precisa ter consciência de que o rebanho pertence a Jesus, não a ele. Recorde-se o que diz Jr. 3.15: “E vos darei pastores segundo o meu coração, que vos apascentem com ciência e com inteligência”. Então, Deus dá pastores à igreja, não dá igreja a pastores. O obreiro não é dono da igreja, ele deve cuidar da igreja que pertence a Cristo.

- Também é dever do presbítero liderar a igreja. E por isso, ele precisa primeiro saber governar a sua própria casa (1Tm. 3.4).

- Também é função dos presbíteros ungir os enfermos (Tg. 5.14).

Texto áureo:

TITO 1

5 Por esta causa te deixei em Creta, para que pusesses em boa ordem as coisas que ainda restam e, de cidade em cidade, estabelecesses presbíteros (...)

- Este versículo será comentado abaixo, no texto da leitura bíblica em classe.

Texto da leitura bíblica em classe:

TITO 1

5 Por esta causa te deixei em Creta, para que pusesses em boa ordem as coisas que ainda restam e, de cidade em cidade, estabelecesses presbíteros, como já te mandei:

- Creta era uma ilha no mar Mediterrâneo de cerca de 196 km de comprimento e 42 km de largura e tinha uma grande população de judeus. As igrejas dali provavelmente foram fundadas por judeus cretenses que estiveram em Jerusalém no Pentecostes (At. 2.11), mais de 30 anos antes de Paulo escrever esta carta.

- Parece claro que o fato de Paulo ter passado por Creta e lá deixado Tito para completar seu trabalho de organizar a igreja deve ter ocorrido depois dos fatos relatados no livro de Atos; do contrário, Lucas certamente teria registrado esse fato. Se é assim, isto prova que Paulo foi realmente libertado da prisão por algum tempo depois dos fatos relatados no último capítulo de Atos e antes de sua prisão final, antecessora de sua morte.

- “Estabelecesses” é, no original grego, *kathistemi*, traduzido também como “constituir” (Mt. 24.25-27, 25.21-23, Lc. 12.42-44, Hb. 5.1, 8.3), “escolher” (At. 6.3), “levar” (At. 17.15) e fazer (Lc. 12.14, At. 7.10,27,35, Rm. 5.19, Hb. 2.7, 7.28, 2Pe. 1.8).

- A palavra “presbíteros”, do original grego *presbyteroys*, é primeiramente usada em At. 14.23, aí traduzida por “anciãos”. É também usada por Paulo em 1Tm. 5.17-19; por Tiago em Tg. 5.14, por Pedro, que se diz presbítero, em 1Pe. 5.1; e por João, que também se diz presbítero, em 3Jo. 1.1.

- Paulo havia designado presbíteros em várias igrejas durante suas viagens (At. 14.23). Ele não poderia permanecer em cada igreja, mas sabia que estas novas igrejas precisavam de uma forte liderança espiritual. Os homens escolhidos deveriam liderar as igrejas ensinando a sã doutrina, ajudando os cretenses a amadurecer espiritualmente, e equipando-os para viver para Jesus Cristo apesar da oposição.

- Todos os ministérios pastorais devem ter como base a mensagem de Jesus Cristo conforme pregada pelos apóstolos; isso quer dizer, devem fundamentar-se no padrão apostólico dos versículos 5-9 e 3.1-7. O ministério é autêntico somente à medida que conserva a Palavra fiel de conformidade com o ensino do Novo Testamento (v. 9; At. 14.23; ver Ef. 2.20).

6 aquele que for irrepreensível, marido de uma mulher, que tenha filhos fiéis, que não possam ser acusados de dissolução nem são desobedientes.

- Este versículo e os seguintes contêm 16 qualificações exigidas dos presbíteros: 1) irrepreensível (v. 6); 2) marido de uma mulher (v. 6); 3) que tenha filhos fiéis (v. 6); 4) não soberbo (v. 7); 5) não iracundo (v. 7); 6) não dado ao vinho (v. 7); 7) não espancador (v. 7); 8) não cobiçoso de torpe ganância (v. 7); 9) dado à hospitalidade (v. 8); 10) amigo do bem (v. 8); 11) moderado (v. 8); 12) justo (v. 8); 13) santo (v. 8); 14) temperante (v. 8); 15) retendo firme a fiel palavra (v. 9); 16) poderoso para admoestar com a sã doutrina e de convencer os contradizentes (v. 9).

- Se algum homem deseja ser “bispo” (do original grego *episkopos*, isto é, aquele que tem sobre si a responsabilidade pastoral, o pastor), deseja um encargo nobre e importante (1Tm. 3.1). É

necessário, porém, que essa aspiração seja confirmada pela Palavra de Deus (1Tm. 3.1-10; 4.12) e pela igreja (1Tm. 3.10), porque Deus estabeleceu para a igreja certos requisitos específicos. Quem se disser chamado por Deus para o trabalho pastoral deve ser aprovado pela igreja segundo os padrões bíblicos de 1Tm. 3.1-13; 4.12; Tt. 1.5-9. Isso significa que a igreja não deve aceitar pessoa alguma para a obra ministerial tendo por base apenas seu desejo, sua escolaridade, sua espiritualidade, ou porque essa pessoa acha que tem visão ou chamada. A igreja da atualidade não tem o direito de reduzir esses preceitos que Deus estabeleceu mediante o Espírito Santo. Eles estão plenamente em vigor e devem ser observados por amor ao nome de Deus, ao Seu reino e da honra e credibilidade da elevada posição de ministro.

- Os padrões bíblicos do pastor, como vemos aqui, são principalmente morais e espirituais. O caráter íntegro de quem aspira ser pastor de uma igreja é mais importante do que personalidade influente, dotes de pregação, capacidade administrativa ou graus acadêmicos. O enfoque das qualificações ministeriais concentra-se no comportamento daquele que persevera na sabedoria divina, nas decisões acertadas e na santidade devida. Os que aspiram ao pastorado sejam primeiro provados quanto à sua trajetória espiritual (cf. 1Tm. 3.10). Partindo daí, o Espírito Santo estabelece o elevado padrão para o candidato, isto é, que ele precisa ser um crente que se tenha mantido firme e fiel a Jesus Cristo e aos seus princípios de retidão, e que por isso pode servir como exemplo de fidelidade, veracidade, honestidade e pureza. Noutras palavras, seu caráter deve demonstrar o ensino de Cristo em Mt. 25.21 de que ser “fiel sobre o pouco” conduz à posição de governar “sobre o muito”.

- O líder cristão deve ser, antes de mais nada, “exemplo dos fiéis” (1Tm. 4.12; cf. 1Pe. 5.3). Isto é: sua vida cristã e sua perseverança na fé podem ser mencionadas perante a congregação como dignas de imitação. Os dirigentes devem manifestar o mais digno exemplo de perseverança na piedade, fidelidade, pureza em face da tentação, lealdade e amor a Cristo e ao evangelho (1Tm. 4.12,15). O povo de Deus deve aprender a ética cristã e a verdadeira piedade, não somente pela Palavra de Deus, mas também pelo exemplo dos pastores que vivem conforme os padrões bíblicos. O pastor deve ser alguém cuja fidelidade a Cristo pode ser tomada como padrão ou exemplo (cf. 1Co. 11.1; Fp. 3.17; 1Ts. 1.6; 2Ts. 3.7,9; 2Tm. 1.13).

- O Espírito Santo acentua grandemente a liderança do crente no lar, no casamento e na família (1Tm. 3.2,4,5; Tt. 1.6). Isto é: o obreiro deve ser um exemplo para a família de Deus, especialmente na sua fidelidade à esposa e aos filhos. Se aqui ele falhar, como “terá cuidado da igreja de Deus?” (1Tm. 3.5). Ele deve ser “marido de uma [só] mulher” (1Tm. 3.2). Esta expressão denota que o candidato ao ministério pastoral deve ser um crente que foi sempre fiel à sua esposa. A tradução literal do grego em 1Tm. 3.2 (*mias gunaikos*, um genitivo atributivo) é “homem de uma única mulher”, isto é, um marido sempre fiel à sua esposa.

- Conseqüentemente, quem na igreja comete graves pecados morais desqualifica-se para o exercício pastoral e para qualquer posição de liderança na igreja local (cf. 1Tm. 3.8-12). Tais pessoas podem ser plenamente perdoadas pela graça de Deus, mas perderam a condição de servir como exemplo de perseverança inabalável na fé, no amor e na pureza (1Tm. 4.11-16; Tt. 1.9). Já no Antigo Testamento, Deus expressamente requereu que os dirigentes do seu povo fossem homens de elevados padrões morais e espirituais. Se falhassem, seriam substituídos (ver Gn. 49.4; Lv. 10.2; 21.7,17; Nm. 20.12; 1Sm. 2.23; Jr. 23.14; 29.23).

- A Palavra de Deus declara a respeito do crente que venha a adulterar que “o seu opróbrio nunca se apagará” (Pv. 6.32,33). Isto é, sua vergonha não desaparecerá. Isso não significa que nem Deus nem a igreja perdoará tal pessoa. Deus realmente perdoa qualquer pecado enumerado em 1Tm. 3.1-13, se houver tristeza segundo Deus e arrependimento por parte da pessoa que cometeu

tal pecado. O que o Espírito Santo está declarando, porém, é que há certos pecados que são tão graves que a vergonha e a ignomínia (isto é, o opróbrio) daquele pecado permanecerão com o indivíduo mesmo depois do perdão (cf. 2Sm. 12.9-14).

- Mas o que dizer do rei Davi? Sua continuação como rei de Israel, a despeito do seu pecado de adultério e de homicídio (2Sm. 11.1-21; 12.9-15) é vista por alguns como uma justificativa bíblica para a pessoa continuar à frente da igreja de Deus, mesmo tendo violado os padrões já mencionados. Essa comparação, no entanto, é falha por vários motivos. O cargo de rei de Israel do Antigo Testamento e o cargo de ministro espiritual da igreja de Jesus Cristo, segundo o Novo Testamento, são duas coisas inteiramente diferentes. Deus não somente permitiu a Davi, mas também a muitos outros reis que foram extremamente ímpios e perversos, permanecerem como reis da nação de Israel. A liderança espiritual da igreja do Novo Testamento, sendo esta comprada com o sangue de Jesus Cristo, requer padrões espirituais muito mais altos. Segundo a revelação divina no Novo Testamento e os padrões do ministério ali exigidos, Davi não teria as qualificações para o cargo de pastor de uma igreja do Novo Testamento. Ele teve diversas esposas, praticou infidelidade conjugal, falhou grandemente no governo do seu próprio lar, tornou-se homicida e derramou muito sangue (1Cr. 22.8; 28.3). Observe-se também que por ter Davi, devido ao seu pecado, dado lugar a que os inimigos de Deus blasfemassem, ele sofreu castigo divino pelo resto da sua vida (2Sm. 12.9-14).

- As igrejas atuais não devem, pois, desprezar as qualificações justas exigidas por Deus para seus pastores e demais obreiros, conforme está escrito na revelação divina. É dever de toda igreja orar por seus pastores, assisti-los e sustentá-los na sua missão de servirem como “exemplo dos fiéis, na palavra, no trato, na caridade, no espírito, na fé, na pureza” (1Tm. 4.12).

7 Porque convém que o bispo seja irrepreensível como despenseiro da casa de Deus, não soberbo, nem iracundo, nem dado ao vinho, nem espancador, nem cobiçoso de torpe ganância;

- As palavras “presbítero” (do original grego *presbyteroys*, v. 5) e “bispo” (do original grego *episkopos*, v. 7) são equivalentes e se referem ao mesmo cargo eclesiástico. “Presbítero” indica a maturidade e dignidade espirituais necessárias ao cargo; “bispo” se refere ao trabalho de supervisionar a igreja como administrador da casa de Deus.

- Soberbo, do original grego *authades*, também significa “teimoso”, “cabeça-dura”. Esta palavra é usada somente aqui e em 2Pe. 2.10.

- Iracundo, do original grego *orgilos*, referindo-se àquele que tem tendência a irar-se, cabeça-dura, apaixonado. Esta palavra é usada somente aqui.

- Deus requer os mais altos padrões morais para os ministros da Igreja. Deus sabe que se os líderes não forem irrepreensíveis, a igreja se afastará da justiça por causa da falta de exemplos piedosos que sirvam como modelos de vida para o crente.

- Paulo descreveu brevemente algumas qualificações que os presbíteros ou supervisores deveriam ter. Paulo havia ordenado a Timóteo um conjunto de instruções semelhantes em relação à igreja em Éfeso (1Tm. 3.1-7; 5.22). Note que a maioria das qualificações envolve caráter, não conhecimento ou habilidade. O estilo de vida e os relacionamentos de uma pessoa demonstram seu caráter. Consideremos estas qualificações quando avaliarmos uma pessoa para uma posição de liderança na igreja. É importante ter líderes que possam pregar eficazmente a

Palavra de Deus, mas é ainda mais importante poder contar com homens que vivem a Palavra e são exemplos vivos que outros podem seguir.

1 PEDRO 5

1 Aos presbíteros que estão entre vós, admoesto eu, que sou também presbítero com eles, e testemunha das aflições de Cristo, e participante da glória que se há de revelar:

- Os presbíteros, ou anciãos, eram os oficiais da igreja que supervisionavam, protegiam, disciplinavam, instruíam e aconselhavam os outros crentes. O termo “ancião” significa simplesmente “mais velho”. Tanto os gregos como os judeus davam posições de grande honra aos homens mais velhos e sábios, e a igreja cristã primitiva manteve este padrão de liderança. Os anciãos tinham uma grande responsabilidade, e esperava-se que fossem bons exemplos.

- Até mesmo dentro do próprio Novo Testamento há um desenvolvimento de ofício eclesiástico, de tal modo que, pelo tempo em que foram escritas as chamadas “epístolas pastorais”, havia anciãos que se tinham tornado bispos ou supervisores, exercendo autoridade não apenas sobre alguma congregação local, mas sobre áreas inteiras. No entanto, naquelas epístolas o quadro não é tão rígido como nas epístolas de Inácio, escritas no começo do segundo século d.C. No período do Novo Testamento, a posse e o exercício dos dons espirituais eram o fator principal na distribuição de ofícios eclesiásticos; mais tarde, porém, essa consideração passou a lugar secundário, e assim veio para o primeiro plano a maquinaria eclesiástica. Precisamos urgentemente do retorno à norma da igreja primitiva, se queremos ter verdadeiros pastores, verdadeiros mestres etc.

- Nas páginas do Novo Testamento, os anciãos eram os pastores das igrejas locais. É devesas interessante que o plural sempre é dado, donde se conclui que a situação de “um só pastor” para cada congregação local ainda não surgira.

- Os trechos de Ap. 2:1,8,12,18 e 3.1,7,14 falam sobre os “anjos” das igrejas, dando a ideia de que cada congregação local tinha seu próprio pastor. E isso talvez indique que, pelos fins do século I d.C., a liderança de cada igreja local era ocupada por um homem principal, embora fosse ajudado por outros elementos de menor autoridade. Isso concordaria com o costume judaico, de ter um “presidente” ou “ancião principal” em cada sinagoga, ajudado por outros, é certo, mas investido de maior autoridade. Seja como for, no Novo Testamento não havia tal coisa como ministério pastoral de um homem só, pois em cada igreja local havia vários irmãos espiritualmente dotados (que exerciam dons e ministérios espirituais) que se tornavam os líderes naturais em cada igreja. A perda desses dons espirituais criou a necessidade de um clero profissional.

- Em tempos de perseguição, os líderes da igreja precisarão de todas as qualificações a seu dispor; mas, particularmente, precisam do poder e do consolo do Espírito Santo. A igreja esperará deles a liderança caracterizada por essas qualidades. A presente seção instrui a esses líderes que guiem a igreja através de seus momentos negros e difíceis.

- Neste v. 1, os “presbíteros” certamente são os “pastores” ou “oficiais” da igreja. No v. 5, talvez a palavra venha sido usada para indicar apenas os “velhos”; porém, até mesmo nesse caso é possível estarem em vista os oficiais da igreja, embora retratados como homens “idosos”, que exigem o respeito dos mais jovens.

- Pedro usa, no original grego, o termo *sumpresbyteroi*, que pode significar, literalmente, “um companheiro presbítero” ou “alguém no mesmo nível de vocês”.

- Pedro não salienta diretamente a sua autoridade apostólica. Ele se classifica juntamente com os presbíteros ou anciãos. Mas ao mencionar que ele era testemunha ocular dos sofrimentos de Cristo, estabelece a distinção entre ele mesmo e os demais. Ele era um ancião chefe, dotado da alta comissão de testemunha ocular, desde os primórdios do evangelho cristão. Assim, os apóstolos tinham de ser testemunhas oculares (ver At. 1.21 e ss.). Seu uso aqui, pois, é um equivalente virtual à imposição de sua autoridade sobre eles, como apóstolo. Contudo, ele levanta a importância do ofício deles como “anciãos”, ao classificar-se juntamente com eles. Seja como for, todos eles, incluindo Pedro, estavam ocupados na tarefa de guiar, de alimentar e de consolar ao rebanho do Senhor.

- Se Pedro tivesse sido o primeiro papa, o príncipe dos apóstolos, o cabeça da igreja, como a igreja católica romana quer fazer crer, ele certamente teria perdido aqui a oportunidade de tornar isso claro à igreja.

- Muito ao contrário, podemos arrolar cinco coisas que Pedro reivindicou ser: 1) servo de Jesus Cristo (2Pe. 1.1); 2) apóstolo de Jesus (1Pe. 1.1); 3) companheiro presbítero (1Pe. 5.1); 4) testemunha dos sofrimentos de Cristo (1Pe. 5.1; At. 5.32); 5) participante da glória (1Pe. 5.1).

- Pedro mostra agora que a sua autoridade não deveria ser desprezada, pois, na qualidade de testemunha ocular, ele era um apóstolo, dotado de uma sagrada comissão. Devemos considerar a declaração em seu sentido mais natural: o autor afirma ter visto pessoalmente os sofrimentos do Senhor; e isso fez dele um “ancião” com mais autoridade do que os da Ásia Menor.

- Pedro, um dos 12 discípulos de Jesus, foi um dos três que viram a glória de Cristo na transfiguração (Mc. 9.1-13; 2Pe. 1.16-18). Sendo frequentemente o porta-voz dos apóstolos, Pedro testemunhou a morte e a ressurreição de Jesus, pregou no Pentecostes e tornou-se uma coluna da igreja de Jerusalém. Mas, escrevendo aos presbíteros, identificou-se como um presbítero da mesma categoria, não como sendo superior. Pedro admoestou-os a apascentarem o “rebanho de Deus”, que era exatamente o que Jesus lhe havia ordenado que fizesse (Jo. 21.15-17). Pedro estava colocando em prática o seu próprio conselho ao trabalhar junto com os demais presbíteros, cuidando do fiel povo de Deus. Sua identificação com os presbíteros (ou anciãos) é um bom exemplo de liderança cristã, mostrando que a autoridade é baseada no serviço, não no poder (Mc. 10.42-45).

- “Testemunha”, no original grego é *martus*, palavra que no Novo Testamento tem vários significados, a saber: 1) espectador ou testemunha ocular (ver At. 10.39 e 6.13). 2) pregador, que testifica acerca de algo (ver At. 1.8 e 5.32). 3) testemunha de uma ocorrência, num sentido forense (ver Mt. 26.65; Mc. 14.62). 4) aquele que autentica seu testemunho cristão com seus sofrimentos, ou seja, um mártir (ver At. 22.20; Hb. 12.1 e Ap. 2.13 e 17.6). Apesar de não precisarmos limitar o sentido da palavra neste versículo, para que signifique apenas “testemunha ocular”, porque Pedro também foi pregador dos sofrimentos de Cristo e era mártir em potencial, o que mais tarde se concretizou, contudo, essa é a idéia central aqui transmitida.

- Através da menção dos sofrimentos de Cristo, Pedro deixou novamente indicado que a igreja logo entraria em um crítico período de sofrimentos; e, por causa disso, as instruções que se seguem se revestem de um caráter incisivo. É como se Pedro houvesse escrito: “Estou em tão grande perigo quanto qualquer de vós. Mas posso testificar que o próprio Cristo assim sofreu; e,

por isso, sei que aquele que sofre com Cristo, desde agora, se torna participante da glória, embora um véu a oculte, por enquanto”.

- Em 1Pe. 4.13 o princípio de que a participação nos sofrimentos de Cristo também é a participação em sua glória é anunciado. Isso é reiterado agora. Alguns intérpretes vêem aqui uma alusão à transfiguração (outros dizem ressurreição), como se Pedro estivesse lembrando a seus leitores que ele já vira Cristo na glória, em forma preliminar, um privilégio conferido a pouquíssimos homens. Pedro, pois, deve ser visto como alguém a quem foi prometida participação toda especial na glória do Senhor, quando ele voltar, acima da maioria dos homens. Ele recebeu uma prelibação da glória de Cristo como poucos homens têm experimentado, e isso era promessa de uma glória ainda maior, que se seguiria. Portanto, Pedro deve ser visto como vaso especial da glória de Deus; e, de fato, assim era. O que ele nos ordena, pois, deve ser acolhido com máxima atenção, pois a sua experiência espiritual lhe confere extraordinária autoridade na igreja. Notemos que, em Mt. 19.28, aos apóstolos foi prometida posição de grande autoridade no reino. Isso está de acordo com a mensagem geral deste texto.

- A visão dos sofrimentos de Cristo deixou profunda e duradoura impressão no ânimo de Pedro, e isso se tornou mais crítico pelo fato de que ele falhou diante do Senhor em um momento crítico (ver Mc. 14.29,50,54,66-72; Lc. 23.31,61). Finalmente, entretanto, a vitória foi sua; e agora ele lembra aquele instante importantíssimo em que fora feito, pela graça divina, um “apóstolo do Senhor”. E não hesita em impor a outros a autoridade espiritual que lhe fora conferida. Entretanto, essa imposição visava ao bem daqueles para quem escrevia, pois fora feita no espírito ou em atitude correta.

2 apascentai o rebanho de Deus que está entre vós, tendo cuidado dele, não por força, mas voluntariamente; nem por torpe ganância, mas de ânimo pronto;

- Os pastores e dirigentes de igrejas têm a responsabilidade de cuidar dos crentes, de fazê-los discípulos, de alimentá-los com a Palavra e de protegê-los.

- Não podemos deixar de lembrar as palavras de Cristo a Pedro: “Apascenta os meus cordeiros... Apascenta as minhas ovelhas” (Jo. 21.15-16). Isso exigia um serviço dedicado, baseado na disposição espiritual que só origina do amor a Cristo, conforme o indica o contexto daquela passagem: 1) ensino; 2) consolo; 3) proteção; 4) transmissão do amor de Cristo ao povo de Deus. Em outras palavras, está envolvido tudo quanto faz parte de ser alguém líder da igreja cristã, o que faz o pastor manusear com questões eternas, como objeto de sua lida diária. Em períodos de perseguição, o ministério de consolo e exortação à constância tomava o primeiro lugar. Nesses períodos, o pastor deve preocupar-se ternamente por seu rebanho. Ora, isso não pode ser realizado à parte do amor de Cristo e do amor aos homens, com a inspiração da parte de seu Santo Espírito (ver Gl. 5.22 e 2Co. 5.14).

- Pastores e dirigentes da igreja devem acautelar-se de dois pecados perigosos: 1) A ambição por dinheiro (ver 1Tm. 3.3,8; Tt. 1.7), a “torpe ganância” (do original grego *aischrokerdos*, literalmente “desejo por lucro”, palavra esta usada apenas nesta passagem). O ensino do Novo Testamento para quem administra a obra de Deus é que recebam sustento adequado da igreja (Lc. 10.7; 1Co. 9.14; 1Tm. 5.17) e que se contentem com o que têm para si mesmos e para suas famílias. Nenhum pastor deve enriquecer-se em detrimento da obra de Deus. Aqueles que se deixam dominar por este desejo ficam à mercê dos pecados da cobiça, da prevaricação e do furto. Por amor ao dinheiro, comprometem a Palavra de Deus, os padrões da retidão e os princípios do reino de Deus. 2) A sede de poder. Aqueles que cobiçam o poder dominarão

aqueles a quem deveriam servir, pelo abuso excessivo da sua autoridade. Antes, o pastor deve conduzir a igreja, servindo de exemplo ao rebanho na sua devoção a Cristo, no serviço humilde, na perseverança, na retidão, na constância na oração e no amor à Palavra.

- Na tradição hebreu-cristã é comum retratar a comunidade religiosa como um “rebanho de ovelhas”. Assim, as alusões a pastores e ovelhas, no Antigo e no Novo Testamentos, são numerosas (ver Is. 40.11; Sl. 23, 80 e 95; Nm. 27.17; 1Rs 22.17; 2Sm. 5.2; 7.7; Jr. 12.10; Ez. 34.1 e ss; Zc. 11.16 e ss; Jo. 10.11-18 e Lc. 19.10). As ovelhas servem de boa ilustração dos crentes. Os crentes são impotentes em períodos de perigo, a menos que o divino Pastor os socorra; são conduzidos e amados pelos pastores. No entanto, tendem por desviar-se; são sujeitos às explorações de pastores falsos e sem escrúpulos. A segurança e o bem-estar dos crentes depende, em última análise, do divino Pastor. Mas este se interessa especialmente por eles, individualmente.

- Os subpastores, por sua vez, devem exibir essas mesmas qualidades exemplificadas pelo Supremo Pastor. E, se assim agirem, grande será a recompensa dos mesmos. Mas o serviço deve ser prestado no mesmo espírito e do mesmo modo que o Supremo Pastor serviu; e é exatamente isso que Pedro menciona neste versículo.

- Pedro descreve várias características dos bons líderes na igreja: 1) sabem que estão cuidando do rebanho de Deus, não do seu próprio rebanho; 2) lideram com o intuito de servir, não por obrigação; 3) estão preocupados com o que podem dar, não com o que podem receber; 4) lideram pelo exemplo, não pela força. Todos nós lideramos a outros de algum modo. Qualquer que seja o nosso papel, nossa liderança deve estar de acordo com estas características.

- “por força”, no original grego, é *anagkastos*, um advérbio que quer dizer “por compulsão”. A forma verbal significa “compelir”, “forçar”, “exortar fortemente”. A forma nominal e raiz é *anagke*, significando “força”, “violência”, “restrição”. O ministério de amor e compaixão, como é óbvio, não pode ser empurrado sobre quem quer que seja. O dever dos pastores não deve ser cumprido meramente porque lhes foi dada essa responsabilidade. Deve haver um “impulso íntimo”, alicerçado sobre o amor cristão, que deve colorir todo o serviço prestado, se este tiver de ser válido. Esse princípio é amplamente demonstrado em 1Co. 13. O mero “senso de dever” também não deve ser o princípio dominante de um pastor piedoso. Sua inspiração deve provir de um nível muito superior a esse.

- A inspiração do presbítero, em seu trabalho de amor, deve provir do íntimo, fluente e sem empecilhos, sem obstáculos de ordem pessoal (“voluntariamente”, diz o texto deste versículo). Isso sugere que todo o serviço prestado por ele deve ser um subproduto do desenvolvimento espiritual, de tal modo que seja uma obra espiritual, e não carnal. Tudo quanto um homem faz depende de sua experiência pessoal com o Espírito de Deus. Sem isso o serviço espiritual seria motivado por considerações errôneas.

- Um bom “homem de palco”, na igreja, talvez induzisse seu povo a pagar-lhe um polpudo salário. De fato, muitos homens têm feito a igreja tornar-se um excelente e bem remunerado emprego, e muitos são os truques empregados nesse particular. Aqueles que trabalham na igreja apenas pelo dinheiro, têm uma “torpe ganância”, e seu salário se torna um lucro imundo. O ministro autêntico de Cristo não pode ser ganancioso; se o for, tornar-se-á qual um assalariado, e não um presbítero (ver Jo. 10.12 quanto a esse conceito). Os principais anciãos deveriam ser pagos de acordo com o princípio que o “trabalhador é digno de seu salário” (ver Lc. 10.7). O apóstolo dos gentios disse que aquele que prega o evangelho deve viver do evangelho (ver 1Co. 9.14). Por conseguinte, Pedro não estava proibindo uma compensação razoável, pelo bom

serviço prestado pelos presbíteros, mas, antes, combatia a tendência de certos homens de só olharem para a vantagem econômica (comparar isso com 1Tm. 3.8 e Tt. 1.7).

- É característico do falso mestre ou do falso pastor, preocupar-se demasiadamente com dinheiro. É fato bem conhecido que alguns “grandes pregadores” se têm enriquecido, dependendo dos sentimentos de mulheres idosas, que são induzidas a se lembrarem da igreja em seus testamentos. A pessoa de sentimentos religiosos se deixa enganar mais facilmente que as pessoas comuns, contribuindo com seu dinheiro para supostas causas religiosas. Portanto, há nas igrejas um campo fértil em potencial para os “espertos”, cujo verdadeiro alvo é o de açambarcarem o dinheiro dos outros. Certamente homens assim terão de enfrentar um mais severo julgamento, pois tal atitude não pode deixar de ser notada por Deus. Seu ganho é vergonhoso, conforme o vocábulo grego indica; também é sórdido, o que é um outro sentido da palavra. Na qualidade de ministros do evangelho, devemos ser honrados acima de todos os homens. E um líder eclesiástico obtém um lucro sórdido quando explora a sua igreja. Pedro sabia o que os falsos pastores fariam às igrejas, não lhes conferindo bem algum ao chegar qualquer período de perseguição: calcularão que a vantagem material não compensa pela perda de suas vidas, e abandonarão totalmente a igreja. Claramente os anciãos recebiam estipêndios, de outro modo não poderia haver tal tentação.

- “De ânimo pronto”, neste texto, pode significar: 1) voluntariamente; 2) com base em princípios espirituais, incluindo o amor; 3) sem considerações de lucro financeiro; 4) de boa vontade. Aquele que serve meramente para obter uma vantagem material está pervertido em sua vontade. Os ministros devem servir de “boa vontade”. O termo grego aqui utilizado é *prothumos*, que poderia ser traduzido por “voluntariamente”. Literalmente, significa “de coração avançado”, isto é, “com o coração”. Assim sendo, está em foco o zelo e a boa vontade. Os presbíteros devem servir por “amor ao serviço do Senhor”, e não calculando o lucro material que o seu trabalho lhes oferece. Não são sem censura aqueles obreiros que, se pudessem ser outra coisa qualquer, seriam tudo menos obreiros. Os pastores devem servir com preocupação sincera pela glória de Deus e visando o bem de almas imortais; estando prontos a fazê-lo com alegria, fazendo tudo que contribua para isso.

3 nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho.

- No original grego, é usado o termo *katakuriueo*, com o sentido de “tornar-se senhor”, “obter o domínio”. As palavras raízes são *kata* (“sobre”), e *kurieuo* (“dominar”).

- Alguns pastores se transformam em pequenos césores na igreja, agindo como se a igreja fosse um pequeno reino sob sua soberania. Todos conhecemos supostos líderes cristãos que são dotados de atitudes ditatoriais. E isso se torna ainda mais crítico quando homens, que já demonstram essa tendência, tornam-se mais idosos. Então suas tendências ditatoriais chegam ao cúmulo, e logo começam as divisões, provocadas por tal atitude. Isso se deve ao fato de que tais homens perdem a capacidade de arbítrio e temem perder os seus poderes. Lutas de poder são o resultado, e Cristo é perdido de vista em meio à batalha.

- A pior parte desse quadro, já negro por si, é que tais homens pensam que os ataques contra suas atitudes ditatoriais são ataques contra a fé. Não podem distinguir entre questões reais e interesses pessoais.

- Pode-se ver, pois, que o poder pode corromper até mesmo homens espirituais. Não há corrupção tão odiosa como a que se origina do puro egoísmo, mas que se apresenta em público

como luta pela fé, luta pela razão etc. Jesus advertiu contra isso quando falou sobre a atitude carnal dos pagãos, que eleva a uns dentre outros, obtendo aqueles a primazia. Disse ele: “mas entre vós não será assim” (Mc. 10.43).

- Se um crente tem o desejo de ser grande, que tal desejo seja espiritualmente orientado, e que se torne servo de todos; então é que será verdadeiramente grande (ver Mc. 10.43-45). O próprio Jesus foi exemplo supremo disso (ver Mt. 20.25-28). Os apóstolos com razão se indignaram ante a tentativa da mãe de João e Tiago (talvez impelida por eles) de elevar seus filhos acima dos demais. Um bem conhecido pregador, líder de certa denominação evangélica, foi descrito por sua própria filha como o tipo de homem que governa ou arruína. Tais homens certamente receberão o pago quando do Tribunal de Cristo, devido à sua atitude. São carnais, e não espirituais, e só trazem descrédito à igreja.

- A “herança de Deus” é, no original grego, *kleros*, que significa “sorte”, “seixo”, “dado”. Ou pode ser “aquilo atribuído por sorte”, ou seja, uma “partilha”. Algumas vezes essa palavra é usada no Novo Testamento para indicar “herança eterna”, ou seja, “porção eterna”, ou mesmo “porção” (ver Cl. 1.12). No presente texto, a palavra indica os que estão ao encargo de alguém, a herança de Deus, o rebanho de alguma congregação local. Cada ancião tem autoridade sobre certa porção da herança de Deus, sua igreja, e essa porção lhe é deixada aos cuidados. Isso envolve tanto um elevadíssimo privilégio como uma pesadíssima responsabilidade. Um pastor não deve abusar de seu cargo, tornando-se ditatorial. Mas muitos homens não podem resistir a essa tentação, porquanto alimentam o orgulho carnal. Ao invés de ser um pequeno César, o pastor deve ser um exemplo para o rebanho. Essa é a maneira espiritual de agir.

- Exemplo, no original grego, é *tupos*, que originalmente significava “golpe”; então veio a indicar “marca deixada pelo golpe”. Essa impressão duplica o instrumento que a fez, pelo que se torna cópia do mesmo. Daí o vocábulo veio a significar “cópia” ou “exemplo”. Esta palavra é usada também em Fp. 3.17. Pode ser também traduzida por padrão.

- O exemplo torna-se um “arquétipo” para outros. Em outras palavras, aqueles que seguem um exemplo são os que “duplicam em si mesmos” a natureza geral do exemplar. O líder deveria ter qualidades tais que aqueles que estão sob a sua autoridade deveriam ansiar por duplicar em si mesmos as suas qualidades. Por isso é que Paulo foi capaz de escrever aos crentes que se tornassem “imitadores” seus, tal como ele era de Cristo (ver 1Co. 11.1).

- Todo indivíduo, quer ele goste disso ou não, quer se proponha a isso ou não, torna-se uma força para o bem ou para o mal (ou para ambas as coisas, alternadamente), pelo exemplo que projeta no mundo. Ninguém é uma ilha de tal modo que não influencie a outros para o bem ou para o mal, atingindo ao menos algumas poucas pessoas. Isso indica uma espantosa responsabilidade; e ela foi imposta a cada um de nós. Haveremos de prestar contas pelo tipo de exemplo que tivermos dado neste mundo vil.

- Assim como o bom Pastor não empurrava suas ovelhas, mas antes, ia adiante delas no caminho (ver Jo. 10.4), assim também deve fazer o pastor no caso de sua congregação. Não é possível ele dizer: “Fazei o que digo, mas não fazei o que faço”. O nível espiritual da congregação dificilmente se elevará acima do nível da integridade espiritual de seu pastor. Palavra e vida devem corresponder uma à outra; a palavra sem a vida, estéril é; a vida sem a palavra não tem sentido. O pastor, por conseguinte, não deve desempenhar um papel de ditador, empurrando suas ovelhas. Antes, compete-lhes liderá-las, dando-lhes o seu exemplo.

4 E, quando aparecer o Sumo Pastor, alcançareis a incorruptível coroa de glória.

- O Sumo Pastor, também chamado em Hb. 13.20 de Grande Pastor, é, naturalmente, Jesus Cristo. Esse é o único uso desse título, em todo o Novo Testamento, para indicar a pessoa de Cristo (quanto a Cristo como Pastor, ver Jo. 10.2,11).

- Cristo é o “bom Pastor” e também é o “supremo Pastor”. Este último título foi usado no Testemunho dos Doze Patriarcas. Os arqueólogos o têm encontrado em culturas pagas, como em um pedaço de madeira do sarcófago de uma múmia egípcia e em um papiro datado de 338 d.C. Portanto, essa designação já era bem conhecida. Contudo, aplica-se mais admiravelmente a Cristo, porquanto ele é o maior de todos os pastores, Senhor de todos eles, que são Seus subpastores.

- Na qualidade de Supremo Pastor é ele também o “Grande Pastor” de Hb. 13.20. Ele é “supremo” ou “chefe” em relação aos outros pastores; e ele é “grande” em comparação com eles e conosco, porquanto ele é quem cumpre, supremamente, o ideal do pastorado, realizando seu trabalho de forma tão magnificente que o seu trabalho é prodigioso. E visto que seu trabalho é prodigioso, encontramos segurança dentro de seu redil, isto é, uma completa e total salvação. Sua grandeza exalta o ofício “pastoral”.

- Assim sendo, aqueles que ousam tomar esse título, também devem dar à igreja o tipo de exemplo que Cristo deixou. O título também é um consolo aos perseguidos da igreja. Primeiramente, porque assegura à igreja uma contínua proteção e a segurança final. Em segundo lugar, porque esse Supremo Pastor é que voltará ao mundo como Juiz. É ótimo ter alguém um Juiz que também é um Pastor, o qual, por conseguinte, deve ter no coração o bem de suas ovelhas.

- As palavras deste versículo se referem à Sua segunda vinda, quando Ele julgará todas as pessoas. O termo grego normal para indicar o segundo advento de Cristo é *parousia*, mas algumas vezes aparece alguma forma de *phaneroo* (verbal ou nominal). Assim, a epifania indica sua revelação aos gentios, na forma dos sábios ou magos. A manifestação de Cristo, pela segunda vez, trará-lo-á como Juiz: mas esse Juiz poderá ser recebido como o Pastor que dá vida e protege às suas ovelhas.

- Paulo também se refere à “coroa da justiça” em 2Tm. 4.8. O galardão ou o eterno bem-estar é representado em vários lugares do Novo Testamento como a outorga de coroas, como as recebiam os vencedores das competições atléticas, ou um rei ao elevar-se à posição de autoridade. Assim, somos vencedores na inquirição da vida, e nos tomamos reis e sacerdotes de Deus. Essas coroas não consistem em possessões físicas nos lugares celestiais, mas em avanços espirituais da alma, que nos tornarão pessoas mais bem capacitadas para o serviço eterno. É isso que está envolvido na questão das coroas. Essas consistem no que sucederá conosco, como filhos maduros de Deus, amoldados segundo o Filho, embora também recebamos possessões físicas (ver 2Tm. 4.8; comparar com 1Co. 3.14, que fala sobre os galardões).

- No original grego, o adjetivo aqui traduzido por “incorruptível” é *amarantos*, que significa “irressecável”, “não-murchoso”, em contraste com as coroas de louros dos atletas vitoriosos. Aquelas coroas eram de valor real extremamente exíguo; no entanto, os homens se exauriam para obtê-las! O grego diz aqui, literalmente, “feito de amaranto”, que era um gênero de plantas algumas vezes chamadas imortais, porquanto retinham seu frescor por logo tempo. Assim, pois, Pedro dá a entender que o jardim do Paraíso de Deus exhibe “plantas” eternas, que nunca murcham. Essa será a glória eterna dos vencedores. Ao Supremo Pastor foi dada a coroa de

espinhos. Mas ele triunfou em sua missão, e agora pode oferecer aos homens uma incorruptível coroa de vida eterna.

- Mediante a possessão dessa coroa, chegaremos a compartilhar da glória de Cristo, nos céus eternos. Isso fala da participação na própria glorificação de Cristo, o que é comentado em Rm. 8.29-30. A glorificação indica que chegaremos a ter o mesmo tipo de vida que Cristo possui (ver Jo. 5.25-26 e 6.57), o que, por sua vez, é o próprio tipo de vida de Deus. Seremos “glorificados”; não meramente “receberemos” alguma forma de riqueza celeste, embora isso também expresse uma verdade. Há muitas formas de vida a começar pelos simples animais unicelulares, que se podem reproduzir. Há insetos e animais de vida mais complexa. O homem é ainda mais complexo, e ocupa a fronteira entre o físico e o espiritual. Há também níveis de seres angelicais, que são puros espíritos. Mas Deus é a forma mais elevada de vida espiritual, bem como a origem de toda e qualquer outra vida. Os crentes em Cristo, ao serem glorificados nele, serão elevados muito acima dos anjos, participando da própria forma de vida de Deus algo indizivelmente grande, o que os tornará seres de poder e inteligência magnificentes, podendo ocupar-se em missões especiais dadas por Deus.

- Que coisa gloriosa é ser alguém recebido pelo Juiz de todos como o Supremo Pastor que coroa os subpastores com sua própria glória! Isso é dito a fim de mostrar aos subpastores que recompensa notável e prodigiosa podem eles receber!

- Que poderemos participar da glória de Deus, é um ponto constantemente salientado pelo apóstolo Pedro (ver 1Pe. 5.1; 4.13; 1.17-18). Essa ideia atinge seu ponto culminante nos escritos de João, para quem a unidade íntima da vida divina com a vida de Cristo é tudo (comparar, especialmente, com 1Jo. 3.2 e ss.).

- Ao invés da sórdida ganância e a honra vazia do predomínio, o apóstolo mostra aos anciãos, uma vez mais, a nobre vantagem e a verdadeira coroa de honra. Eles podem ganhar uma eterna coroa de glória, ao invés da sórdida ganância (ver o v. 2), contanto que sirvam espiritualmente e bem.

Referências bibliográficas:

- ARRINGTON, French L. **Comentário bíblico pentecostal – Novo Testamento**, v. 1. 4ª edição. Editora CPAD, 2009.

- **Bíblia Apologética de Estudo**. 2ª edição. Editora ICP, 2006.

- CHAMPLIN, Russell Norman, Ph.D. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. 2ª edição. Editora Hagnos, v. 4, 2001.

- DAKE, Finis Jennings. **Bíblia de Estudo Dake**. Editoras CPAD e Atos, 2009.

- DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Editora Vida Nova, 2005.

- FRANCISCO, Caramuru Afonso. **O Presbítero, Bispo ou Ancião**. Subsídio publicado no site <http://www.portalebd.org.br/>.

- GILBERTO, Antonio. **Lições bíblicas: Dons Espirituais e Ministeriais: Servindo a Deus e aos homens com poder extraordinário**. Editora CPAD, 2014.
- HENRY, Matthew. **Comentário bíblico: Novo Testamento – Atos a Apocalipse**. Trad. Luis Aron, Valdemar Kroker e Haroldo Janzen. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- MOUNCE, William D. **Léxico analítico grego do Novo Testamento**. Editora Vida Nova, 2012.
- NEVES, Natalino das. **O Presbítero, Bispo ou Ancião**. Subsídio em vídeo publicado no *site* <http://www.natalinodasneves.blogspot.com.br>.
- **Novo Testamento trilingue: grego, português e inglês**. Editora Vida Nova.
- OLIVEIRA, Euclides de. **O Presbítero, Bispo ou Ancião**. Subsídio em vídeo publicado no *site* <http://www.adlondrina.com.br>.
- OLIVEIRA JÚNIOR, Abimael de. **O Presbítero, Bispo ou Ancião**. Subsídio publicado no *site* <http://abimaeljr.wordpress.com>.
- PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. **Dicionário bíblico Wycliffe**. Trad. Degmar Ribas Júnior. 5ª. edição. Editora CPAD, 2009.
- STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Editora CPAD, 2005.